

Pela implantação de graduações em História da Arte nas universidades brasileiras

Prof. Dr. Jorge Coli

Professor da Unicamp
Membro do CBHA

O que posso, neste texto, é reiterar o que disse, de improviso, no último colóquio. Trata-se de afirmar uma convicção nascida de minha formação e de minha trajetória enquanto historiador da arte. É a certeza da necessidade premente da implantação e desenvolvimento das graduações em História da Arte no Brasil. O que é uma banalidade nas Universidades de outros países, é uma ausência insustentável no Brasil.

A história da arte sempre foi, em nossas universidades, concebida como uma disciplina complementar para estudos de arquitetura ou de arte. Quando, nos anos de 1930, se criou a USP – primeira e moderna universidade brasileira –, professores europeus foram encarregados de formar os mais diversos departamentos, como se sabe. Ninguém cogitou, no entanto, em criar um Departamento autônomo de História da Arte. Depois, no correr do tempo, apesar do esforço de alguns (entre eles os do prof. Zanini), nenhum projeto de formação específica na disciplina, para alunos que ingressassem na Universidade, pôde se implantar.

Essa ausência de um lugar institucional bem definido no interior da academia fez com que os historiadores da arte mais antigos, e heróicos, tivessem que encontrar uma inserção ali onde podiam, já que não havia um quadro legítimo para seus estudos: em história, em arquitetura, em estética, em sociologia. Tinham também que improvisar a formação que as universidades brasileiras não estavam aparelhadas para lhes dar; foram, portanto, em grande parte, autodidatas.

A tal ponto essa situação é equívoca que o reconhecimento da disciplina em classificações acadêmicas é ainda muito equivocado: ora se submete a História da Arte à teoria, à estética, à crítica (quantas agências de fomento à pesquisa não a espremem sob o título ambíguo de “Fundamentos e críticas das artes”...), ora às práticas artísticas. Até hoje, quantos não pensam que a História da Arte é uma disciplina artística, e não histórica? O historiador da arte não é um artista, evidentemente. Ele tem que dominar os métodos do historiador, saber trabalhar com arquivos, com fontes primárias e secundárias, organizar interpretações que dependem dos ramos mais diversos dos estudos históricos.

Experimentei, eu mesmo, em minha formação, a imensa importância de estudos que se iniciam num primeiro ano, avançam por uma licença, centrados primordialmente na História da Arte. Com efeito, em 1970, depois de estudos de filosofia na USP, quando mais me interessei pela estética, inscrevi-me em primeiro ano de História da Arte e Arqueologia na Universidade da Provença (França). Essa formação permitiu uma base sólida que, constato, os alunos ingressantes em nossas pós-graduações, por melhores que sejam, não possuem, já que essa formação inicial lhes faz falta.

Nos anos de 1980, salvo erro de minha parte, não havia ainda sequer uma única pós-graduação especificamente em história da arte no Brasil. Existiam setores especializados em Teoria da Arte, mas que não enfrentavam diretamente uma área de pesquisa exclusiva em História da Arte. Creio que a primeira se fez no Departamento de História da Unicamp, em 1989. De lá para cá, causa grande entusiasmo perceber como tantas universidades investiram em nossa disciplina, particularmente no âmbito da pesquisa mais complexa; como tantos jovens e excelentes pesquisadores entregam-se com entusiasmo à tarefa de explorar os estudos em História da Arte.

Justamente essa irrupção necessária e importante de estudos novos em nossa disciplina impõe a exigência de disciplinas organizadas num currículo desde a graduação, que se complementem, e que permitam encaminhar os alunos, de modo cada vez mais amplo e seguro, para os trabalhos de pesquisa especializada.